

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Cobrio Paratiense

Class.: Educação / Índios

Data: 09/05/87

Pg.: EDIR0045

Educar índios é coisa de branco?

Como se estivesse saindo da música de Caetano Veloso, um índio, talvez inspirado por seus ancestrais, soube comover os brancos que participaram há poucos dias de uma reunião na Subcomissão de Educação, Cultura e Esportes da Constituinte. Com palavras ditas num tom "tranquilo e infalível" como só sua gente é capaz de transmitir, Ailton Krenac causou comoção numa pequena sala do Congresso ao condenar o ensino dispensado às populações indígenas pela chamada civilização branca.

Quem recebeu Krenac, um dos coordenadores nacionais da União das Nações Indígenas, com uma pitada de ironia, logo mudou de atitude. Afinal, cada frase sua era tida como uma flechada daquelas que acertam bem no alvo: a nossa consciência de branco, de colonizador e exterminador dos verdadeiros donos da terra. "Quem não conseguiu matar o índio, tenta agora acabar com as estruturas de pensamento da tradição indígena, através de um processo de quase desagregação social, de perda da consciência", diz ele que apesar de falar a língua do branco, escrever a escrita do branco, tem um pensamento indígena, permitindo que exerça hoje um trabalho junto à Constituinte.

Como integrante da comissão permanente de índios, Krenac espera ver refletidos no novo texto, no mínimo, as questões fundamentais para essas sociedades, como "uma educação que contemple o universo mítico, religioso e cultural de um povo e não aquela educação como pensam os brancos, que se restringe ao simples ato mecânico de ler e escrever". Pois, como explicar em português às crianças indígenas a origem dos rios, vales e montanhas? "Muitos dos nossos pensamentos são expressados através de símbolos, não com a linguagem do branco, plenamente dispensável quando se ensina, por exemplo, a estrutura social do povo, a sua história passada, de quando o ancestral criou o mundo, de quando Deus criou o mundo; de como se constrói a maioca; ou como se faz o arco, a flecha, a pintura no corpo".

E também através da transferência oral de conhecimento, que as nossas crianças aprendem a leitura das estrelas; das estações do ano; os tempos da chuva e do verão. Ensinamentos guardados na memória do povo indígena", explica ele, acrescentando que a introdução da técnica da escrita, desarticulada com o pensamento cultural do povo, é uma violência.

PROJETO ÚNICO

A educação dispensada às populações indígenas, sob a coordenação da Funai, obedece a um programa único, considerando que todas as 180 tribos existentes hoje no Brasil (quando o branco chegou aqui havia 900) são iguais. "Isso representa fracasso, pois o trabalho não respeita a especificidade de cada grupo étnico. A Fundação Nacional do Índio não entende que não existem "índios". Esta palavra é uma ficção; existem Xavante, Caió, Ticuna, Yawana, e cada povo fala um idioma diferente do outro, possuindo ainda uma estrutura de construção da sua realidade, de pensar o mundo, muito especial", explica ele. "Por isso, a Funai não pode pensar um programa de educação para os índios do Brasil. Seria o mesmo que pensar um programa para as crianças do planeta".

Ao mesmo tempo, Krenac afirma que existem experiências realizadas junto a algumas comunidades no

Acre, em regiões próximas ao Solimões, que fogem do "programão que a Funai diz que tem".

O livro *Nosso Povo ou Torú Duú* "ugü, tradução exata na língua ticuna, é um exemplo. A tribo, uma das maiores do Brasil e que habita a Amazônia, tem no livro o resgate da sua história. Não se trata de uma obra sobre índios, escrita por brancos e para brancos. É o resultado de uma atividade em equipe, de alguns brancos e muitos Ticuna, com o objetivo de fazer com que aquele povo possa reencontrar casos e personagens familiares.

É nessa "sanfona de recordações", narrada pelos velhos índios, que as crianças vão lendo e aprendendo a sua origem, e o melhor: na sua própria língua, evitando assim que os povos indígenas percam o contato com o idioma da tribo. Só depois que elas adquirem o conhecimento na língua Ticuna é que o português entra em cena e todas as dúvidas sobre sua gente e sua origem são traduzidas para o idioma do branco, pois só conhecendo o pensamento do colonizador, o indígena poderá se defender, sem no entanto perder suas raízes.

TERRA

Mas, para Krenac, a questão da educação reflete um quadro mais geral de desrespeito, que é o problema dos territórios indígenas "e, no fundo, uma coisa está ligada a outra. E que para o povo indígena viver, habitar um lugar, ter uma tradição, um pensamento, é uma coisa só".

A invasão das terras, inclusive das áreas demarcadas, é constante, diz, acrescentando que só em Rondônia, aproximadamente, 14 áreas indígenas demarcadas nos últimos oito anos, são sistematicamente invadidas, com todos os recursos naturais dilapidados. "Não há uma compreensão do branco de que as sociedades indígenas tenham um projeto de futuro próprio".

A educação é só um nó de todos os problemas do índio, que, aos poucos, vai se caracterizando culturalmente. "Em consequência surgirão pessoas com cara de índio, corpo de índio e pensamento estranho".

Krenac afirma que não está falando nada de novo. O que ele diz, certamente os brancos também dizem. "A diferença é que as pessoas não esperam que um índio saiba disso, que reflita sobre questões como esta", que o afligem de perto não só pelo fato de ser também um indígena, que aprendeu algumas coisas com os brancos, veste calça jeans e camisa, carrega uma mochila nas mãos e ainda fala bonito. Mas também porque est sempre percorrendo o Brasil, como ele mesmo conta, "do Oiapoque ao Chui", realizando trabalhos de base junto aos territórios indígenas como um dos coordenadores da UNI.

É, mesmo assim, jamais se desligou de suas origens, de seus parentes, os Krenacs, que um dia, quando o marechal Rondon demarcou uma área de 4 mil hectares na região do Vale do Rio Doce, eram cinco mil pessoas e hoje, depois de muitas invasões, discriminações do governo do estado de Minas e de interesses de grandes fazendeiros, não passam de 130 tentando sobreviver a todo custo. Uma realidade que não difere em nada das demais populações indígenas que Ailton Krenac conhece tão bem.

Com tudo isso, não foi difícil levar a platéia da Subcomissão de Educação, Cultura e Esportes à emoção. Afinal, sendo todos ali brancos, era o mínimo que se podia esperar. (ANA LUZIA)



Krenac: "Não à educação dos brancos, que se restringe a ler e escrever"